



COMBINATÓRIA... NÃO OUSE PENSAR DIFERENTE!

JOSIMAR SILVA
COLÉGIO PEDRO II, RIO DE JANEIRO

A escola costuma apresentar apenas uma parte da análise combinatória, que é a contagem.

Há umas três décadas, pessoas comprometidas com o ensino da Matemática vêm despendendo grande esforço para que tal assunto passe a ser ensinado de forma que venha a privilegiar mais o raciocínio do que o mero emprego de fórmulas, diferenciando-se da maneira pela qual tal assunto costumava ser ensinado, baseando-se essencialmente em classificar cada problema quanto a permutação, arranjo ou combinação e, em seguida, usar suas respectivas notações e fórmulas. Quanto a isso, houve grande progresso. Mas ainda se precisar falar desse tema.

De uma certa maneira, os vestibulares, especialmente o ENEM, acabam influenciando na maneira como os professores abordam os assuntos ensinados. Questões como as apresentadas a seguir, levam os professores a ter de apresentar resoluções de problemas baseadas em fórmulas, notações e até mesmo no nome de um dos métodos de contagem que pode ser aplicado, o que é um grande retrocesso. Dizem alguns professores “Na preparação para o vestibular, eu ensino incentivando o uso do princípio multiplicativo, mas depois eu sou obrigado a mostrar o dispensável conceito de arranjo, apresentar as notações possíveis e mostrar a sua inútil fórmula, porque isso poderá ser cobrado” — ou ainda — “Meus alunos erraram porque não sabiam o que era arranjo”. Em muitos casos, para os estudantes, não basta resolver as questões de contagem, eles têm também de resolver da maneira que a banca espera que a questão seja resolvida.